

Orquestra Gulbenkian

Pedro Neves
Luíz Filíp
Rui Sul Gomes
Nuno Aroso



GULBENKIAN
MÚSICA

23 FEVEREIRO 2018



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910

Joãozinho há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**

Associação de Defesa das Boas Causas

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Orquestra Gulbenkian

Pedro Neves Maestro

Luíz Filíp Violino

Rui Sul Gomes Percussão

Nuno Aroso Percussão

Luís Antunes Pena

*Off-balance*¹

Celso Loureiro Chaves

*Museu das coisas inúteis*²

Ordine – Antífonas – In Tempo di Josquin – Os Quatro

Evangelistas – Ordine (Análise)

INTERVALO

John Luther Adams

*Become Ocean*³

Duração total prevista: c. 1h 45 min.

Intervalo de 20 min.

¹ Estreia Mundial – Encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian

² Encomenda no âmbito SP-LX – Música contemporânea do Brasil e de Portugal

³ Estreia em Portugal

Luís Antunes Pena

Lisboa, 12 de janeiro de 1973

Off-balance

para duas percussões e orquestra

COMPOSIÇÃO: 2017

ESTREIA MUNDIAL

DURAÇÃO: c. 15 min.



LUÍS ANTUNES PENA © DR

Off-balance é uma palavra inglesa usada na dança para designar o ponto em que o corpo se desequilibra e perde o controlo sobre si próprio. É portanto um estado de fricção imediatamente anterior ao movimento. Esta ideia de perturbação do equilíbrio e também de introdução de ruído num sistema estável, foi o elemento condutor durante a composição da peça. Em diferentes secções e sobre diferentes perspetivas, a ideia de desequilíbrio é tratada entre dois polos: entre o humano e o mecânico, o digital e o analógico, entre o abstrato e o empírico e, contendo também uma outra dimensão para além do domínio estritamente musical, entre o discurso e a realidade, a opinião e o facto.

Na primeira parte, os dois solistas nos tímpanos e vibrafone estão em constante reequilíbrio. Há um jogo com um tipo de ritmo, que venho desenvolvendo há já algum tempo, em que pequenas unidades rítmicas se desviam da

pulsação regular. Este desvio acontece de modo pendular, ora no ritmo propriamente dito, ora no movimento das alturas. Quando a orquestra entra, após a parte solista, a noção de desequilíbrio é expandida também a outros parâmetros como a harmonia.

Na segunda secção a ideia de desequilíbrio é interpretada de outra forma, tendo como base o discurso do antigo Presidente dos E.U.A., G. W. Bush, proferido há 14 anos no dia 20 de março de 2003. O texto de Bush é formatado acusticamente por pequenos altifalantes que, quando colocados em contacto com a superfície de um corpo ressonante, fazem ouvir o som que transportam. A realidade do discurso de Bush tem assim um impacto direto na composição e na perceção da obra. A outro nível, mais abstrato, o conteúdo acústico do mesmo texto serve de suporte à escrita orquestral. O todo melódico e harmónico reproduz acusticamente o texto. Esta obra é dedicada a Nuno Aroso e Rui Sul Gomes.

LUÍS ANTUNES PENA

Celso Loureiro Chaves

Porto Alegre, 14 de setembro de 1950

Museu das coisas inúteis

COMPOSIÇÃO: 2016-2017

ESTREIA: São Paulo, 5 de outubro de 2017

DURAÇÃO: c. 23 min.



Museu das coisas inúteis foi composto entre maio de 2016 e julho de 2017, em cinco movimentos contínuos. Os movimentos indicam a sequência Lento – Rápido – Lento – Rápido – Lento.

O título vem do ensaio *A utilidade do inútil* de Nuccio Ordine. Os nomes de alguns dos movimentos dão a impressão de que se trata de uma peça mística, mas não. *Antífonas* são grafittis que a orquestra compartilha com o violino. *Os quatro evangelistas* se referem a quatro colunas internas da Sagrada Família de Gaudí. *In tempo di Josquin* é uma alucinação sobre um fragmento renascentista.

Todo o material composicional da peça surge de uma sequência de 14 acordes construídos por afinidade interna, a espelhar as concepções harmônicas do compositor. Os acordes são apresentados a partir da imobilidade harmônica de Ordine e concluem a sua apresentação na síntese de Ordine (*Análise*), onde os outros movimentos são recordados em fragmentos. Há algumas citações em *Museu das coisas inúteis*. A mais saliente é o *Benedictus* do *Sanctus* da Missa *Hercules dux Ferrariæ* de Josquin, base do *In tempo di Josquin*. Em *Os quatro evangelistas*, o nome de cada evangelista transforma-se em fragmento

melódico. A Sinfonia n.º 1 de Beethoven ecoa no último movimento. Uma memória de um hino de futebol separa o quarto e o quinto movimentos.

Várias cidades respiram em *Museu das coisas inúteis*. Lisboa – onde ao cruzar a Praça do Comércio o compositor percebeu que a estrutura da peça estava completa; Manaus – onde *Os Quatro Evangelistas* tomaram a sua forma definitiva; Porto Alegre – onde a maior parte da peça teve a sua gestação e foi composta. E, acima de todas, Montevideo: foi ali que a peça finalmente chegou a ser o que é.

Em *Museu das coisas inúteis*, o violino é virtuosístico tanto na utilização de todos os seus registros quanto nas meditações que dão coerência ao desenrolar da peça. A orquestração talvez surpreenda em sua economia, mas os instrumentos apenas ganham voz quando as suas sonoridades são chamadas pelo solista que conduz a passagem do tempo. Por isso, a essência de *Museu das coisas inúteis* reside na objetividade e na simbiose entre os instrumentos, a construir uma narrativa a um só tempo instável e reflexiva.

CELLO LOUREIRO CHAVES

John Luther Adams

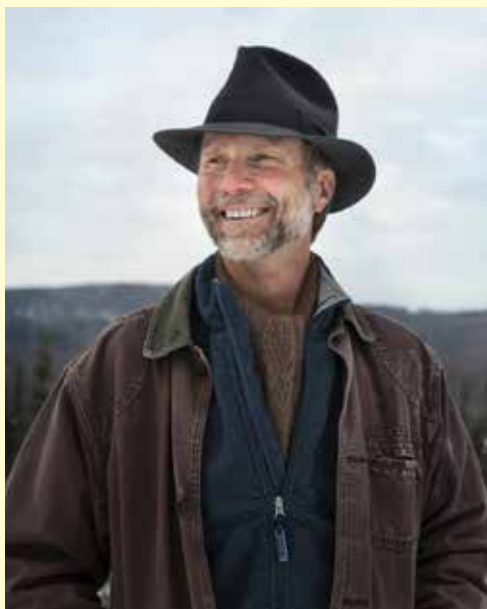
Meridian, Mississippi, 23 de janeiro de 1953

Become Ocean

COMPOSIÇÃO: 2013

ESTREIA: Seattle, 20 de junho de 2013

DURAÇÃO: c. 42 min.



A música do compositor norte-americano John Luther Adams é profundamente inspirada pela natureza, em particular pelas paisagens do estado do Alasca, onde viveu entre 1978 e 2014. A sua obra orquestral *Become Ocean* foi premiada como o Prémio Pulitzer em 2014. A paixão do compositor pela natureza, a sua preocupação com o meio ambiente, bem como o seu interesse pela ressonância de locais específicos levaram-no a adotar e desenvolver o conceito de geografia sonora.

Ao longo dos anos, a minha música orquestral tornou-se mais simples e mais expansiva. *Clouds of Forgetting*, *Clouds of Unknowing* (1991-1995) contém quatro texturas musicais diferentes. Por sua vez, a obra *In the White Silence* (1998) contém três texturas. *For Lou Harrison* (2002) reduz as texturas musicais a apenas duas. Finalmente, em *In Dark Waves* (2007), concentrei-me em apenas uma. Quando ouvi esta peça pela primeira vez,

comecei a interrogar-me sobre a possibilidade de conseguir manter uma sonoridade semelhante durante um período de tempo mais dilatado. O resultado deste processo viria a tornar-se na obra *Become Ocean*, uma meditação sobre as vastas, profundas e misteriosas marés da existência. O título é inspirado num mesóstico que John Cage escreveu para homenagear Lou Harrison no seu aniversário. Comparando a música de Harrison a um rio em delta, Cage escreveu:

*Listening to it
we become
ocean.*

A vida no planeta Terra surgiu no mar. E ao mesmo tempo que o gelo polar derrete e o nível do mar sobe, os seres humanos, ou seja, todos nós, encontramos-nos perante a perspectiva de, uma vez mais, nos podermos tornar parte do oceano (*became ocean*) de forma literal.

JOHN LUTHER ADAMS

Pedro Neves

Maestro



Luíz Filíp

Violino



Pedro Neves é Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian e Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho. Nasceu em Águeda e iniciou o seu percurso musical no Conservatório de Aveiro, onde estudou violoncelo com Isabel Boiça. Foi também aluno de Paulo Gaio Lima na Academia Nacional Superior de Orquestra. Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, estudou com Marçal Cervera na Escola de Música Juan Pedro Carrero, em Barcelona. Estudou direção de orquestra com Jean-Marc Burfin na Academia Nacional Superior de Orquestra. Em seguida, aprofundou os seus conhecimentos de direção com Emílio Pomarico, em Milão, e foi maestro assistente do maestro Michael Zilm. Foi maestro titular da Orquestra do Algarve (2011-2013) e é um convidado regular das principais orquestras portuguesas.

No domínio da música contemporânea, colabora com o Sond'arte Electric Ensemble, tendo dirigido estreias de obras de compositores portugueses e estrangeiros. Com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Remix Ensemble, realizou digressões na Coreia do Sul e no Japão. É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação do repertório para orquestra de cordas. A sua personalidade artística é marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical. Pedro Neves é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e doutorando na Universidade de Évora, tendo como objeto de estudo as seis Sinfonias de Joly Braga Santos.

O violinista brasileiro Luíz Filíp é natural de São Paulo. Reside na Alemanha desde 2001, país onde se apresenta com regularidade. Atuou também em Roma, Tóquio, Telavive e Paris, tendo-se estreado na capital francesa na série de concertos do Auditorium do Museu do Louvre. Estudou no Brasil com Elisa Fukuda e na Europa com Ulf Wallin, Guy Braunstein, Axel Gerhardt e Zakhar Bron. Foi premiado nos concursos internacionais Tibor Varga, Henry Marteau e Gerhard Taschner.

No domínio da música de câmara, colabora com Wilfried Strehle, Guy Braunstein, Dashin Kashimoto, François Leleux, Gilbert Audin e Amihai Grosz, entre outros músicos. Participou em vários festivais de música de câmara, incluindo o Festival Rolandseck e o Festival d'Aix-en-Provence. É membro da Orquestra Filarmónica de Berlim e integra o Ensemble Berlin. Como solista, a sua discografia incluiu:

- um CD com o Concerto BWV 1043, de J. S. Bach, em colaboração com a Academia da Filarmónica de Berlim, sob a direção de Reinhard Goebel;
- um DVD com os três concertos para violino de Camargo Guarnieri, com direção de Lutero Rodrigues; e um CD com obras de E. Villani-Côrtes, com o pianista Paul Rivinius.

Luíz Filíp toca num violino Lorenzo Storioni de 1774 pertencente ao Governo Alemão e oferecido pela Deutsche Stiftung Musikleben de Hamburgo.

Rui Sul Gomes

Percussão



Nuno Aroso

Percussão



Rui Sul Gomes nasceu no Porto, mas aos sete anos mudou-se com a família para Lisboa. Estudou no Conservatório Nacional de Lisboa, com Girão Ferreira, e na Academia Nacional Superior de Orquestra. Paralelamente, frequentou os cursos de aperfeiçoamento de Benoit Cambrelaing, Nicolas Martynciow, Juanjo Guillem, Miquel Bernat, Steven Schik, John Bergamo, Emanuel Sejourne e Robert Van Sice, entre outros. A nível particular, estudou com Nick Woud, Solista da Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão.

Apresentou-se com diversas formações nos principais festivais em Portugal, no Coliseu do Porto e na Fundação Calouste Gulbenkian. Como solista, atuou com a Orquestra Académica Metropolitana, a Filarmonia das Beiras e a Orquestra Clássica de Espinho, com a qual tocou, em primeira audição em Portugal, o *Concerto Fantasia para dois Timbaleiros e Orquestra* de Philip Glass, com o percussionista Miquel Bernat. Em colaboração com diversos agrupamentos, apresentou-se em vários países da Europa, nos Estados Unidos da América, na Tailândia e em Macau.

É convidado a orientar cursos de percussão e leciona na Academia Nacional Superior de Orquestra. É 1.º Solista da Orquestra Gulbenkian desde abril de 2006. Durante seis anos foi Timbaleiro / Percussionista Principal na Orquestra Nacional do Porto.

Um dos mais ativos solistas de música contemporânea, Nuno Aroso desenvolve a sua carreira focado na investigação com compositores e no fomento da literatura para percussão. Tocou em estreia absoluta mais de 120 obras e gravou grande parte deste repertório em disco. Como professor, investigador, membro de júri e intérprete, apresentou-se em Portugal e em muitos outros países da Europa, bem como no Brasil, na China, na Tailândia, na África do Sul, na Argentina, no Canadá, na Tunísia, na Coreia do Sul, no Japão e no Chile. Licenciou-se pela ESMAE com a classificação máxima e prosseguiu estudos em Estrasburgo e Paris. Doutorou-se com a tese *The Gesture's Narrative – contemporary music for percussion*. Leciona na classe de percussão do curso de música da Universidade do Minho e estende a sua atividade docente a outras universidades, conservatórios e festivais de música, promovendo a realização de *masterclasses*, conferências e seminários: McGill University (Canadá), Universidade Federal de Belo Horizonte, Festival de Percussão de Uberlândia, Universidade Federal da Bahia e Oficinas da Música de Curitiba (Brasil), Conservatório Superior de Aragão, Konart Percussion Academy Barcelona e Academia de Percussão de Valência (Espanha), Concorso Musical Paolo Serrao, *World Percussion Movement – Bari* (Itália), *Days of Percussion – Athens* (Grécia), *Connect Festival – Mälmo* (Suécia), Universidade de la Plata (Argentina), Northwestern University e University of North Texas (E.U.A.), Conservatório de Macau e Conservatório de Paris. Nuno Aroso é artista Adams, artista Zildjian e toca com baquetas Elite Mallets.

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA – MÁRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian

realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas.

No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir da temporada 2018-2019, o maestro Lorenzo Viotti assumirá as funções de Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian e o maestro Giancarlo Guerrero as funções de Maestro Convidado Principal.

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS Francisco Lima Santos <i>Concertino Principal</i> Josefine Dalsgaard <i>1.º Concertino Auxiliar</i> Bin Chao <i>2.º Concertino Auxiliar</i> António José Miranda Pedro Pacheco Alla Javoronkova David Wahnon Ana Beatriz Manzanilla Elena Ryabova Maria Balbi Otto Pereira João Castro * Tomás Costa * João Vieira de Andrade *	VIOLONCELOS Varoujan Bartikian <i>1.º Solista</i> Marco Pereira <i>1.º Solista</i> Martin Henneken <i>2.º Solista</i> Levon Mouradian Jeremy Lake Raquel Reis Fernando Costa * CONTRABAIXOS Pedro Vares de Azevedo <i>1.º Solista</i> Domingos Ribeiro <i>1.º Solista</i> Manuel Rego <i>2.º Solista</i> Marine Triolet Maja Plüddemann Romeu Santos * FLAUTAS Sophie Perrier <i>1.º Solista</i> Cristina Ánchel <i>1.º Solista Auxiliar</i> Amália Tortajada <i>1.º Solista Auxiliar</i> Ana Filipa Lima <i>2.º Solista *</i> OBOÉS Pedro Ribeiro <i>1.º Solista</i> Nelson Alves <i>1.º Solista Auxiliar</i> Alice Caplow-Sparks <i>2.º Solista</i> <i>Corne inglês</i> Telma Mota <i>2.º Solista *</i> CLARINETES Esther Georgie <i>1.º Solista</i> Iva Barbosa <i>1.º Solista Auxiliar</i> José Maria Mosqueda <i>2.º Solista</i> <i>Clarinete baixo</i> FAGOTES Ricardo Ramos <i>1.º Solista</i> Vera Dias <i>1.º Solista Auxiliar</i> Roberto Erculiani <i>2.º Solista *</i> TROMPAS Gabriele Amarù <i>1.º Solista</i> Kenneth Best <i>1.º Solista</i> Eric Murphy <i>2.º Solista</i> Darcy Edmundson-Andrade <i>2.º Solista</i> Nelson Silva <i>2.º Solista *</i> Mickael Faustino <i>2.º Solista *</i>	TROMPETES Paulo Carmo <i>1.º Solista Auxiliar *</i> David Burt <i>2.º Solista</i> Carolina Alves <i>2.º Solista *</i> TROMBONES Rui Fernandes <i>2.º Solista</i> Pedro Canhoto <i>2.º Solista</i> André Melo <i>2.º Solista *</i> Thierry Redondo <i>2.º Solista *</i> TUBA Amílcar Gameiro <i>1.º Solista</i> TIMBALES Rui Sul Gomes <i>1.º Solista</i> Renato Peneda <i>1.º Solista *</i> PERCUSSÃO Abel Cardoso <i>2.º Solista</i> Duarte Santos <i>2.º Solista *</i> Rodrigo Azevedo <i>2.º Solista *</i> PIANOS Joana David <i>1.º Solista *</i> CELESTA Inês Mesquita <i>2.º Solista *</i> HARPAS Carolina Coimbra <i>1.º Solista *</i> Salomé Matos <i>2.º Solista *</i>
SEGUNDOS VIOLINOS Alexandra Mendes <i>1.º Solista</i> Jordi Rodriguez <i>1.º Solista</i> Cecília Branco <i>2.º Solista</i> Stephanie Abson Jorge Teixeira Tera Shimizu Stefan Schreiber Maria José Laginha Nelson Nogueira * Félix Duarte * Miguel Simões * Mafalda Rodrigues * VIOLAS Samuel Barsegian <i>1.º Solista</i> Lu Zheng <i>1.º Solista</i> Isabel Pimentel <i>2.º Solista</i> Patrick Eisinger Leonor Braga Santos Christopher Hooley Maia Kouznetsova Nuno Soares * Chiara Antico * Paul Tulloch * Teresa Fleming *		* Instrumentista convidado

DUAS FORÇAS, UM FUTURO.

NOVOS HÍBRIDOS PLUG-IN
BMW iPERFORMANCE.

*i*PERFORMANCE



Pelo prazer
de conduzir



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

A BMW APOIA O CORO DA FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Consumo combinado de 2,1 l/100 km. Emissões de CO₂ de 49 g/km.

1 + 2 Março

Nikolai Lugansky



GULBENKIAN
MÚSICA

Orquestra
Gulbenkian

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
LONDON

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANSELMO
LIMA

Instrumentos de música de 1920-2000

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Associação de Amadores da Música Para Todos os Gostos

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



NIKOLAI LUGANSKY © MARCO BORGGREVE - NATURE-AMBRUSIE



APLAUDIR O PAPEL DA CULTURA É TAMBÉM O NOSSO PAPEL

A arte e a natureza têm o poder de inspirar, tocar e transformar as pessoas como poucas coisas no mundo. É com orgulho que a Navigator aplaude o papel incomparável da cultura na vida de todos, ao ser Mecenaz Música e Natureza para a Temporada de Música 17/18 da Gulbenkian.

Viver o futuro da cultura é o seu inspirador papel.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



THE
NAVIGATOR
COMPANY

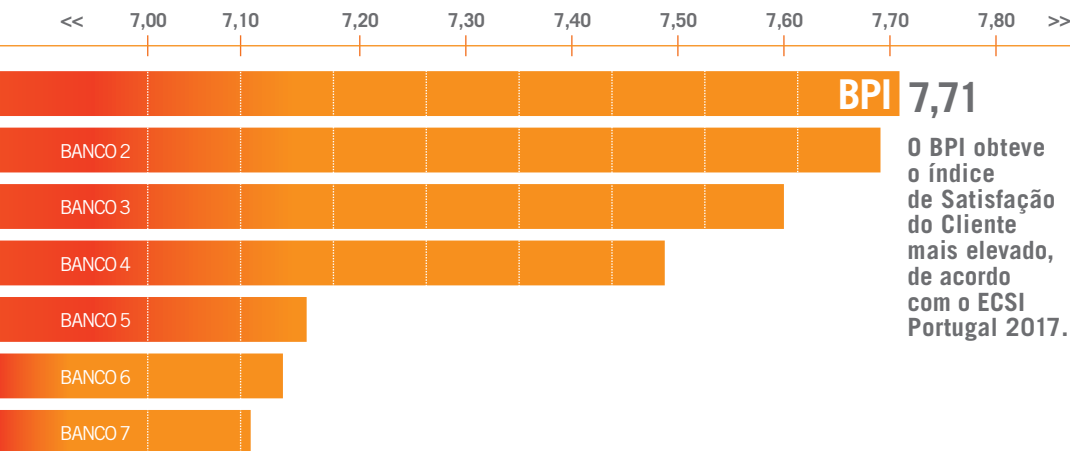
Mecenaz Música e Natureza
Temporada de Música 17/18 da Gulbenkian.

Nº1 na Satisfação dos Clientes.

O BPI é líder pelo 2º ano consecutivo na Satisfação dos Clientes, de acordo com o Índice Nacional de Satisfação do Cliente - ECSI Portugal 2017.



Este índice, baseado numa metodologia internacional comum, permite avaliar a qualidade dos bens e serviços disponíveis no mercado nacional, em vários sectores de actividade, com base em 8 dimensões: imagem, expectativas dos Clientes, qualidade apercebida, valor apercebido (relação preço/qualidade), satisfação, reclamações, confiança e lealdade. O ECSI Portugal é um estudo independente, desenvolvido anualmente pelo Instituto Português da Qualidade, pela Associação Portuguesa para a Qualidade e pela NOVA Information Management School da Universidade Nova de Lisboa.



O BPI obteve o índice de Satisfação do Cliente mais elevado, de acordo com o ECSI Portugal 2017.

Este estudo utiliza uma escala de satisfação de 1 a 10 e é realizado com recurso a 250 entrevistas telefónicas a Clientes de cada Banco/Marca estudado, com base numa amostra seleccionada de modo aleatório e extraída da população portuguesa.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

500 exemplares

PREÇO

2€

Lisboa, Fevereiro 2018

